

## Mercados profissionais e (di)visões identitárias de jovens engenheiros<sup>1</sup>

Ana Paula Marques<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente texto retoma o fio condutor de algumas reflexões elaboradas a partir de certos resultados empíricos da investigação realizada a um segmento populacional de uma fileira de estudos específica - jovens licenciados em Engenharia. Deste modo, o nosso contributo passará por: *i*) destacar alguns dos processos de mudança em curso em torno dos padrões de inserção profissional de jovens diplomados; *ii*) identificar os factores de segmentação dos mercados profissionais e seus efeitos na crescente diferenciação interna deste grupo profissional e dos critérios de classificação/distinção identitária mobilizados pelos jovens em início de uma carreira; *iii*) contribuir para o conhecimento das mudanças de representações e sentidos construídos em torno do diploma, emprego e profissão.

**Palavras-chave:** Diploma, mercado de trabalho e identidade profissional

### Introdução

Há actualmente um consenso de que o processo de passagem da universidade para o mundo do trabalho se modificou consideravelmente na maioria dos países ocidentais nas últimas décadas do século XX. Com a crescente internacionalização das economias, instituições, valores e estilos de vida, associada ao enfraquecimento de certos referentes de uma sociedade salarial, como, por exemplo, o da estabilidade de emprego e o da previsibilidade de certas trajet-

---

<sup>1</sup> O presente texto retoma o fio condutor de algumas reflexões que estiveram na base de uma comunicação apresentada no Seminário ASPTI, organizado pelo Departamento de Economia, Sociologia e Gestão da Universidade de Trás-os-Montes (Vila Real, 10 e 11 de Setembro de 2004), sendo aqui proposto uma releitura integrada e aprofundada da mesma.

<sup>2</sup> Professora Auxiliar do Departamento de Sociologia do ICS – Universidade do Minho (e-mail: amarques@ics.uminho.pt).

tórias profissionais, as modalidades de inserção profissional transformam-se para muitos dos jovens engenheiros em início de uma carreira.

Com efeito, a acção sobre o sistema de ensino, como um dos objectivos centrais das políticas de emprego, tem reforçado a tendência para alargar os itinerários educativos e aumentar a dotação de qualificações formais com as quais cada geração acede ao mercado de trabalho. Como consequência, o seu perfil vem sendo continuamente alterado, em particular em dois sentidos. Por um lado, estes jovens atrasam os seus calendários de inserção profissional e de constituição de novas famílias. Por outro, apresentam-se no mercado de emprego com níveis crescentes de recursos formativos (diplomas escolares) e com disposições emancipadoras (autonomia e realização profissionais), pelo que fenómenos de "sobrequalificação" ou de "subemprego" poderão marcar algumas tendências recentes de jovens diplomados em certas áreas de estudo (Marques, 2003).

Sabe-se, igualmente, que a possibilidade de acesso a um emprego qualificado se encontra relacionada com a obtenção de níveis superiores de qualificação. Porém, além da posse de um certificado académico, cujo valor se apresenta cada vez mais (im)previsível para os seus detentores e para os responsáveis pelas políticas de formação e emprego (públicas e privadas), importa reforçar a ideia de que o confronto com o mercado de emprego se apresenta como um espaço-tempo crucial de transformação, quer dos perfis de qualificação adquiridos e requeridos nos quotidianos de trabalho, quer dos processos de (in)validação, mobilidade e grau de transferibilidade desses perfis. Neste período de transição profissional, as segmentações registadas ao nível dos saberes certificados e as que se definem no mercado de emprego permitem aprofundar a importância dos esquemas de classificação, legitimação e distinção mobilizados pelos jovens no começo de uma carreira profissional.

Na verdade, a proliferação e a diversidade de diplomas de todos os níveis de qualificação têm vindo a transformar os mercados profissionais de trabalho em geral e dos engenheiros em particular. Ao alegado fim do modelo de relação salarial, assente na estabilidade, na programação de uma carreira ascendente no seio do "mercado interno" – que se tenderia a desmoronar –, contrapõe-se um outro, que se caracteriza pela intensificação de uma mobilidade externa (mudanças de emprego e de empresas), visível nos percursos profissionais, não só dos activos relativamente instalados no mercado de trabalho, como também de jovens diplomados. Muitos teóricos, sobretudo os que se dedicam aos estudos de gestão de recursos humanos ou os responsáveis pelas políticas de procura de emprego, enfatizam justamente a ideia de

que se está perante a instituição de um modelo alternativo de relações de emprego e de trabalho. Este consubstanciar-se-ia na retórica do indivíduo dotado de qualificações de nível superior, autor da sua própria carreira, destacando as suas capacidades de negociação de saberes e de integração num determinado grupo profissional compatível com a área de formação inicial. Convictos de que o diploma é um recurso (e não mais uma garantia de emprego), estes jovens deveriam desenvolver continuamente as suas competências, os seus projectos profissionais e privados, privilegiando sobretudo a mobilidade externa. Neste contexto, as trajectórias individuais apresentar-se-iam cada vez menos como uma construção da empresa e dependeriam da capacidade de mobilização individual de recursos e capitais diversos.

Porém, importa criticar esta retórica, interrogando a sua validade empírica junto de jovens engenheiros que têm apresentado vantagens de emprego, relativamente aos seus colegas de outras áreas de formação (v.g. áreas das ciências sociais e humanas), e aos que saem para o mercado de emprego com níveis de escolaridade inferiores. No fundo, será necessário analisar o papel desempenhado pelos "mercados internos" na absorção destes jovens, nomeadamente quanto ao seu impacto na construção de trajectórias individuais no seio da empresa. Isto é, será que, neste "segundo espírito do capitalismo" (Boltanski, Chiappello, 1999: 237), aqueles mercados internos, alegadamente debilitados, são preteridos em nome de uma procura estratégica de mobilidade externa, norteadas pela "cultura de risco" (Beck, 1992; Giddens, 1994) e pela multiplicação de oportunidades e contextos profissionais que tendem a caracterizar cada vez mais uma outra modalidade de entrada no mercado de trabalho? Por outro lado, em que medida as práticas experimentais de papéis e situações, particularmente manifestas neste período de transição, sugerem a alteração dos modelos de socialização e consequente erosão, fragmentação e dispersão de normas e modelos identitários?

Mobilizando diferentes técnicas de investigação ao longo de um período de estudo de 8 anos, o plano de pesquisa concebido contempla três tipos de população de um universo empírico (Universidade do Minho)<sup>3</sup>: a) jovens finalistas de todas as licenciaturas de engenharia (inscritos no 4º ano de licenciatura), no ano lectivo 1997/98, a partir de uma amostra de 252 (de um universo de 676), estratificada por sexo e licenciatura; b) jovens diplomados das

---

<sup>3</sup> Os resultados empíricos utilizados ao longo deste texto apoiam-se na investigação realizada pela autora para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia pela Universidade do Minho (2002).

licenciaturas de Engenharia Civil e Informática de Gestão nos últimos 5 anos<sup>4</sup> (1994/95 a 1998/99), a partir de uma amostra de 209 (de um universo alvo de 336); c) entrevistas biográficas a 12 jovens, de ambos os sexos, das licenciaturas de Engenharia Civil e Informática de Gestão, aprofundadas e repetidas ao longo de três anos (1999 a 2001), tendo sido realizadas no total 35 entrevistas. Neste texto recorreremos, por conseguinte, a diferentes tipos de informação, uma mais de carácter quantitativo e outra qualitativo, para argumentarmos os diferentes tópicos em reflexão<sup>5</sup>.

Argumenta-se, neste texto que, para a maioria dos jovens da sociedade moderna, a transição fundamental é aquela que se concretiza com a saída do sistema educativo e a entrada no mercado de trabalho. No caso concreto do jovem diplomado, o que está em causa nesta transição é a aprendizagem de um conjunto de saberes, a aquisição de habilidades e a interiorização de normas e valores (disposições e orientações ideológicas) específicos de certas ocupações profissionais e organizações de trabalho (Marques, 2003).

## **1. Diplomas e paradoxos na inserção profissional**

A problemática sobre a inserção profissional permite-nos reflectir sobre a importância das consequências profissionais e sociais induzidas pelo estado

---

<sup>4</sup> A licenciatura de Engenharia Civil apresenta uma implantação no mercado de trabalho mais antiga, um perfil relativamente consolidado e definido. Pelo contrário, os diplomados em Informática de Gestão tendem a apresentar perfis de profissionalização em construção a partir das próprias experiências de trabalho. Justamente, a análise deste processo de consolidação no mercado de trabalho, por jovens diplomados de duas formações académicas em diferentes estados de formalização do perfil profissional, poderá esclarecer-nos, em grande medida, sobre os fundamentos e as razões que subjazem às estratégias defensiva e ofensiva dos indivíduos perante as actuais condições e modalidades de funcionamento do mercado de trabalho.

<sup>5</sup> Num esforço de articulação das diferentes potencialidades metodológicas, o primeiro inquérito, aplicado aos finalistas, serviu para se definir a cartografia das dimensões e indicadores a aprofundar nas etapas subsequentes. Assim, a partir deste inquérito transversal, foi-nos possível identificar, num primeiro momento, importantes pontos de reflexão sobre os constrangimentos situacionais e os recursos disponíveis que estes jovens apresentam naquele contexto universitário por antecipação da inserção profissional. Num segundo inquérito, de tipo longitudinal retrospectivo, aplicado aos jovens diplomados há pelo menos cinco anos, aprofundou-se algumas daquelas dimensões em estudo pela reconstrução dos percursos posteriores de inserção profissional. Além disso, este possibilitou a análise da distância entre uma trajectória virtual (dos finalistas) e a que se efectiva (dos diplomados) através da sua comparação indirecta. Por sua vez, a realização de histórias de vida (entrevistas biográficas) esclareceu-nos sobre o potencial de formulação de projectos profissionais e extra-profissionais, por parte de jovens em início de uma carreira. Com esta abordagem, de cariz qualitativo, captaram-se as significações e orientações simbólico-valorativas atribuídas ao seu percurso e a relação que eles estabeleceram entre a reconstrução do seu passado e os seus projectos no futuro, tendo permitido, igualmente, corroborar (e controlar) as informações obtidas através dos questionários aplicados.

actual das dinâmicas de relação emprego e trabalho, neste período da vida de cada jovem e de cada grupo social específico. Com efeito, trata-se de um processo multidimensional, designadamente escolar, profissional e geracional, que, no actual contexto económico-social, se apresenta como um processo multi-estatutário (v.g. estudante, inactivo, desempregado, formando, estagiário) de passagem, com ritmos desconexos e descontínuos.

Com efeito, hoje, os jovens tendem a prolongar o seu tempo escolar, a adiarem a sua entrada na vida activa e, não raras vezes, a alternarem períodos de formação académica com períodos de actividade profissional. As consequências de tais comportamentos contribuem para a crescente visibilidade do problema da inserção profissional dos diplomados: *i*) des-linearização do processo de transição da universidade para o mercado de trabalho, *ii*) relativização da formação inicial associada ao fenómeno da "inflação do diploma", *iii*) adiamento da emancipação individual e geracional, bem como da constituição de uma família, *iv*) vivência de experiências de precariedade e instabilidade laboral por períodos recorrentes e alargados e *v*) crescente desfasamento das representações e expectativas dos jovens perante trajectórias complexas e prolongadas no tempo e no espaço.

As explicações avançadas a propósito destas transformações têm sido várias. Uma delas centra-se nas recentes transformações do sistema educativo em sentido lato. É inegável o aumento progressivo de jovens candidatos ao ensino superior registado até finais da década de noventa e a heterogeneidade que tem vindo a caracterizar esta população estudantil, no que diz respeito às suas origens sociais, geográficas, percursos escolares e projectos de vida. Em paralelo, o sistema de ensino superior alarga e complexifica o seu leque de oferta de cursos e graus, com títulos académicos inovadores e, por vezes, sem correspondência no mercado de emprego, de forma a satisfazer aquele crescendo da procura económica e simbólica de diplomas. Além disso, as desigualdades por áreas de estudo e por género mantêm-se na União Europeia e em Portugal, se bem que se comece a registar já algumas mudanças. Por exemplo e para o caso português, apesar de a área de engenharia e de arquitectura recrutar apenas 12,9% dos diplomados de ambos os sexos, a presença do sexo feminino é significativa, na medida em que duplica o valor relativo das diplomadas da União Europeia (32,7%, contra 18%, respectivamente). Porém, é a única área de estudos com uma taxa de feminização abaixo dos 50%, sendo que no seu interior se verificam taxas mais elevadas, nomeadamente na Engenharia Têxtil ou Engenharia Biológica. Em todas as restantes áreas de estudos, inclusive na área de matemática e informática, as mulheres

encontram-se em maioria face aos seus colegas do sexo oposto. Esta feminização crescente do ensino superior terá consequências inevitáveis nos processos e normas que caracterizam o acesso de mulheres a profissões tradicionalmente do domínio masculino, como por exemplo, nas ciências de engenharia.

Em interdependência com aquela explicação, acrescenta-se uma outra referente ao alegado disfuncionamento do mercado de trabalho e às exigências de competitividade e flexibilidade das empresas, no quadro de uma economia globalizada. São argumentos que se forjam na crise económica registada nos países ocidentais e no conseqüente aumento generalizado do desemprego juvenil, acompanhado por uma crescente vulnerabilidade da relação de emprego.

Para já, as informações estatísticas disponíveis são a esse nível expressivas. Atente-se aos seguintes indicadores globais referentes a 2002 (INE, 2002): a taxa de desemprego juvenil (15-24 anos) é de 11,8% para ambos os sexos, contra 5,2% para o desemprego médio<sup>6</sup>; apesar da maior incidência do desemprego no 1º e 2º ciclos de escolaridade, importa destacar o aumento relativo registado nos níveis mais altos, onde os desempregados com curso superior cresceram 30,3%, e com o secundário cerca de 26,9%; igualmente, há a registar um aumento significativo das modalidades de emprego sem vínculo permanente (a termo, prestação de serviços, sazonal, pontual ou ocasional) que representa 21,8% do emprego por conta de outrem, valor este superior à média europeia – 13,4% (Eurostat, 2001).

Assim, perante as actuais dinâmicas dos mercados profissionais, nomeadamente as alterações das modalidades de contratação na recomposição do emprego/desemprego juvenil pela introdução de práticas de flexibilização a vários níveis (v.g. produtiva, salarial, funcional, duração de trabalho), importa saber se a facilidade prevista de inserção profissional de jovens engenheiros é um facto ou, pelo contrário, se as conhecidas taxas de emprego ocultam diversas situações não previstas ou planeadas.

Conscientes da importância das suas qualificações numa sociedade confrontada com mudanças tecnológicas e económicas evidentes (Castells, 1996), eles reclamam um reconhecimento social que presentemente lhes é refutado. Quer se trate de salários, quer de um estatuto profissional ou de possibilidades de carreira, os jovens diplomados vivem um paradoxo, fruto das esperanças depositadas na aquisição de um diploma e da situação profissional precária e instável, que tem vindo a apresentar-se como uma das modalidades mais vincadas da inserção profissional.

---

<sup>6</sup> Considerando os últimos 5 anos, este valor do desemprego é o mais elevado, tendo vindo a aumentar desde então.

Com efeito, nem todos os diplomados se apresentam com idênticas vantagens no acesso ao mercado de emprego (ODES, 2000). Estes têm vindo a apresentar modalidades diferenciadas, longe do modelo convencional. As suas condições de empregabilidade têm-se deteriorado seja em termos salariais, seja no vínculo laboral a que se submetem, seja ainda na possibilidade de promoção, ao passo que os empregadores têm tido a oportunidade de aumentar as suas exigências ao recrutar pessoas cada vez mais qualificadas a custos menores<sup>7</sup>. Igualmente, a relativização e pulverização de designações dos títulos académicos contribuíram para que certos fenómenos diferenciados os atingissem também, tais como o desemprego, o subemprego/inemprego, a sobrequalificação/desqualificação, a precariedade, tal como acontece aos jovens "sem diplomas".

Por outro lado, o mercado de emprego constitui-se num espaço perpassado por relações de poder e estratégias simbólico-culturais, em particular as que se prendem com a preservação do monopólio na delimitação de áreas de actividade profissional em termos de mercados "profissionais fechados" (práticas de distinção e diferenciação profissionais), assentes quer em processos ideológicos de conservação do título académico, quer na promoção de estratégias de alargamento de outras áreas de actividade a profissionais, até então, considerados *outsiders*.

Enquanto fase crítica de reprodução da força de trabalho, o processo de inserção profissional exprime, por conseguinte, as profundas transformações verificadas nas sociedades de hoje.

Longe de visões simplistas e uniformes, os resultados da investigação permitem-nos observar dinâmicas de inserção profissional diversas e contraditórias, de descontinuidades de percursos e reversibilidade de saberes e áreas de actividade. Daí que a inserção profissional constitua um campo por excelência para a observação dos processos de diferenciação de vária ordem ligados à entrada na vida adulta. Para uma visão sintética das mudanças em curso, atente-se às seguintes coordenadas – estrutural/biográfica e previsível/imprevisível (cf. Anexo – Fig. 1).

Um desses processos de diferenciação reporta-se a uma relativa reprodução dos padrões de procura de cursos que segue, de perto, os constrangimen-

---

<sup>7</sup> Percebe-se melhor por que razão a taxa de desemprego dos diplomados é um indicador insuficiente para dar conta das condições específicas de inserção profissional deste grupo de jovens. Basta termos presente que a propensão para os diplomados aceitarem empregos com níveis de qualificação e remuneração inferiores aos que poderiam obter em função da sua qualificação académica contribui para que a taxa de desemprego diminua.

tos sócio-culturais e regionais de base por parte dos jovens. A família de origem apresenta-se relevante na explicação não só de uma trajectória escolar, como na de um início de carreira profissional<sup>8</sup>. Além disso, são relevantes as diferenciações por género nestes percursos que se consolidam e se reforçam mutuamente. O predomínio de estereótipos de género, ancorados num processo de "naturalização" dos papéis sexuais, contribuiu para aprofundar a presença diversificada e desigualmente valorizada dos percursos escolares em função do sexo. Na verdade, no momento em que nos encontramos, e apesar de as mulheres se encontrarem também nas áreas de engenharia e tecnologias, elas permanecem com uma presença maioritária nas áreas de estudo consideradas tradicionais. Por outro lado, não se pode ignorar as consequências de eventuais "escolhas" alheias a uma certa "vocação" ou de desajustamentos motivacionais por parte de jovens candidatas; e, por outro, importa ter presente que esse aumento quantitativo das taxas de acesso, por parte do sexo feminino, não está isento de consequências em termos das modalidades diferenciadas de inserção profissional, designadamente na ocupação de posições de domínio não só estatutário, mas também económico e simbólico, desiguais em relação aos seus colegas do sexo masculino.

Igualmente, outros factores co-explicativos podem ser avançados, como sejam os que se prendem com os recursos escolares, onde se incluem a especificidade da licenciatura, a socialização escolar por antecipação de um projecto profissional e a socialização das primeiras experiências profissionais.

## 2. Mercados profissionais e mobilidade externa

Em termos genéricos, a teoria da segmentação<sup>9</sup> contribuiu e ainda contribui para que se aproximem as preocupações de uma certa sociologia do trabalho, com as questões das desigualdades sociais. A noção de "segmento"<sup>10</sup> represen-

---

<sup>8</sup> Perante uma menor capacidade de negociação dos jovens candidatos, o acesso ao primeiro emprego tem sido em parte amortecido pela eficácia das redes inter-pessoais (familiares e amigos), essencialmente a nível local do mercado de trabalho. Os conhecimentos pessoais são um dos meios referidos na obtenção do primeiro e seguintes empregos. Não só os estudos internacionais apontam para a sua importância, como também os resultados da nossa investigação o permitem confirmar.

<sup>9</sup> Pode-se aceitar, de forma relativamente consensual, que os estudos de cariz sociológico sobre o mercado de trabalho se desenvolveram na década de sessenta destacando-se em particular, o contributo da obra *Internal Labor Markets and Manpower Analysis* (Doeringer e Piore, 1971) ao popularizar a ideia de "segmentos" e de "mercado de trabalho interno".

<sup>10</sup> Tal abordagem permitiu sobretudo que se rompesse com as representações tradicionais do mercado de trabalho de inspiração neoclássica. Na verdade, os princípios de homogeneidade, transparência, ausência de factores de bloqueio à mobilidade dos factores de produção, incluín-



ta um sistema de remunerações específico que reflecte, por um lado, as relações de poder entre classes sociais, grupos socioprofissionais, trabalhadores e trabalhadoras, e, por outro, o lugar destes sectores de actividade económica na divisão capitalista do trabalho, tanto à escala local, como internacional.

O alcance conceptual da expressão "mercado interno" tem vindo a ser extremamente útil na análise dos fluxos de mobilidade da mão-de-obra, quer no interior da empresa, quer no mercado externo. A relevância do mercado interno prende-se com a importância da antiguidade para o trabalhador que faz um percurso interno e sucessivo de ascensão dentro da empresa. A relação estreita entre idade, qualificação e salário define um modelo homogéneo de trajectória profissional e salarial no interior de uma mesma fileira profissional.

Em oposição àquele mercado, os trabalhadores que se localizam no mercado externo apresentam-se numa posição de maior vulnerabilidade face ao emprego, dado que se encontram na periferia daquela mão-de-obra estabilizada no interior da empresa. Potencialmente vocacionado para jovens em início de carreira, ou ainda para grupos sociais desfavorecidas (como, por exemplo, minorias étnicas, mulheres e trabalhadores não qualificados), este tipo de mercado externo absorve conseqüentemente uma mão-de-obra considerada periférica no quadro do mercado de trabalho.

Porém, após a "estabilidade" das desigualdades estruturais do emprego e do salário, a recessão e incerteza nos anos oitenta conduziu à reestruturação do mercado de trabalho no sentido da flexibilidade (Rosenberg, 1989). Além de as reestruturações de grandes empresas provocarem a diminuição do recrutamento, importa referir igualmente o facto de a mobilidade externa se intensificar com o aumento do desemprego na indústria.

Tanto o mercado de trabalho interno como externo tornam-se cada vez mais selectivos sob o efeito da transformação das modalidades de gestão da mão-de-obra nas empresas (Rodrigues, 1991, 2000). Independentemente da idade, os trabalhadores menos qualificados encontram-se mais permeáveis ao desemprego, bem como aos empregos precários disponibilizados. Ao mesmo tempo, a lógica da "gestão participativa" assente na competência exprime, em grande medida, as práticas flexíveis que pautam os modelos de recrutamento e de carreira profissional vigentes.

---

do a mão-de-obra, para além da teorização do modelo de livre concorrência assente na interdependência da oferta e da procura de trabalho, são claramente postos em causa. Tal resultaria não só pela confrontação empírica, que não suportava aqueles princípios, mas também pela emergência de uma teorização do mercado de trabalho que privilegia a captação da heterogeneidade e desigualdades constituintes das relações entre a oferta e a procura que aí se manifestam.

Neste contexto, a ideia de "empresa flexível" exprime bem o alcance da segmentação do trabalho: trata-se de conceber uma empresa com poucos trabalhadores "centrais" estáveis e qualificados - flexibilidade "funcional" - e muitos "periféricos" que podem ser facilmente recrutados no mercado geral do trabalho, nomeadamente através de subcontratação - flexibilidade "numérica" - ao que também se associa uma "flexibilidade de salário" no sentido neoclássico (os salários e outros custos de mão-de-obra reflectem o estado da oferta e da procura sobre o mercado de trabalho externo).

Num tal contexto, a constituição de mercados profissionais poderá aparecer, à primeira vista, como uma alternativa positiva perante a importância do imprevisível e do efémero que progressivamente tendem a caracterizar as relações de emprego junto dos jovens engenheiros. Enquanto construção social excepcional e instável devido às várias coordenadas externas que necessita, tão difíceis de construir como de manter, o mercado profissional define-se pela importância do grau de transferibilidade das qualificações detidas pelos trabalhadores, independentemente dos contextos organizacionais. Trata-se por conseguinte de uma mobilidade horizontal entre empresas que utilizam as mesmas qualificações.

Por outro lado, a relevância actual dos mercados profissionais prende-se com a proliferação dos certificados académicos legitimamente adquiridos em contexto educativo e validados pelo sistema económico. Daí a importância atribuída à posse de um diploma enquanto condição necessária, embora não totalmente suficiente, para se iniciar uma trajectória de inserção profissional. Apesar da visibilidade e estandardização crescente do diploma, este deixa de ser cada vez mais uma garantia contra o desemprego e apresenta-se sobretudo como um recurso, entre outros, necessário para aceder ao mercado de emprego, tal como avançamos atrás. Ou seja, as competências que se devem adquirir e mobilizar não resultam só e estritamente dos conhecimentos técnico-profissionais, mas de um conjunto de qualidades onde se encontram valorizados o empenhamento pessoal, a autonomia, a iniciativa e a responsabilidade profissionais, as capacidades relacionais, as capacidades de reagir aos imprevistos, entre outras.

Uma importante informação pode extrair-se da estruturação dos movimentos de circulação da mão-de-obra destes jovens diplomados. Após a conclusão da licenciatura, verifica-se que, de todos os inquiridos, mais de metade conhece apenas um emprego<sup>11</sup> (52,7%) contra outra metade que declara ter tido

---

<sup>11</sup> Quando pedimos aos inquiridos que respondessem à questão não delimitamos o entendimento da expressão "emprego". Todavia, quando pedimos que descrevessem o seu percurso profissional, fizemos a advertência para que os estágios e os empregos de férias fossem excluídos.

dois ou mais empregos (47,3%). Assim, segundo estes resultados, poder-se-á argumentar em relação à importância dos mercados profissionais construídos em torno de uma significativa mobilidade externa registada, tendo presente de que se trata de jovens com idades a rondar, no máximo, 30 anos. Importa, porém, relativizar aquela importância na base dos seguintes comentários.

Com efeito, parece que se está a instituir um modelo alternativo de inserção assente na mobilidade externa, como uma das condições de melhoria da carreira profissional e salarial. Nesta perspectiva, pode admitir-se que a inserção de um jovem diplomado depende da sua capacidade de se manter num mercado profissional, cada vez mais selectivo e incerto, a partir do momento em que ele consegue fazer prova da polivalência e flexibilidade dos seus conhecimentos/competências junto dos empregadores e/ou do seu grupo de "pares". Assim, menos ligado a uma ideia de permanência da relação contractual, a estabilização profissional estaria relacionada com o grau de empregabilidade do diplomado, ou seja, com a capacidade deste em evitar o desemprego ou a desvalorização da qualificação académica recebida.

Contudo, aquele modelo coexiste com o da manutenção da importância do mercado interno na absorção desta mão-de-obra. Sabe-se que são muitos os quadros qualificados que se revêem ainda num projecto de carreira construída num mercado interno à empresa, protegida por um enquadramento jurídico-legal reconhecido e fortemente defendida pelas instituições representativas das suas prerrogativas profissionais e sociais. Portanto, não se pode aceitar de forma contundente a ideia de que o mercado interno esteja em ruptura face à significativa mobilidade externa que se regista junto deste segmento específico de jovens.

A outra ideia que importa reter é a de que o modelo de mobilidade exposto apresenta limites. Importa relativizar o impacto da expressão "profissional-sujeito", autor da própria carreira, ao destacar, quase em exclusivo, as vantagens das práticas de flexibilização, até porque a conversão do diploma num emprego pode não ser imediata. Muitos dos jovens interrogados lamentam-se da crescente distância entre a universidade e o mercado de trabalho, pelo que o "canudo", embora tão ambicionado, já não se traduz numa inserção imediata. Além disso, é ainda uma fracção pequena de jovens que beneficia de uma posição de força nos profissionais.

Estas reflexões permitem-nos desde já ter presente que, longe de uma representação do mercado homogéneo, são várias as segmentações e clivagens que tendem a caracterizar os mercados de emprego actuais e os percursos dos jovens diplomados.

Como veremos de seguida, a mudança de emprego ou de empresa ou, até mesmo, de estatuto profissional, enquanto modalidades de mobilidade profissional, a priori mais positiva ou voluntária que outras, está associada a experiências de emprego "atípicas" pela maioria dos diplomados.

### **3. Mercado de entrada e mercado de transição**

Para analisar os itinerários dos diplomados em processo de inserção profissional, consideramos o percurso profissional no seu conjunto e no período temporal em causa. Neste sentido, exploram-se as possíveis relações entre as seguintes variáveis – tipo de licenciatura, sexo e a declaração de um ou dois e mais empregos. Desta forma, foi-nos possível identificar uma clivagem/segmentação com base no critério de número de empregos, que, como vimos no ponto precedente, estrutura dois tipos de situações. Em oposição ao *mercado de entrada*, caracterizado pelos que declaram apenas um emprego, o *mercado de transição* agrupa os diplomados que declaram dois ou mais empregos no período de tempo contemplado.

A eficácia das redes pessoais é indiscutível nas primeiras experiências de trabalho, diminuindo à medida que os diplomados conhecem uma maior mobilidade exterior. Os indícios de uma certa mobilidade associada à experiência de diferentes situações de trabalho em início da carreira são acompanhados por mudanças na área profissional: para os diplomados de Engenharia Civil, aumenta o trabalho na área dos projectos, em detrimento de funções de direcção técnica de obras; e aumenta a importância das funções de docência; por seu turno, os licenciados em Informática de Gestão mantêm-se, embora em número decrescente, nas áreas profissionais de análise e programação e tendem a aumentar os que passam para as actividades relacionadas com a docência e com a formação profissional. As situações profissionais caracterizadas por uma relação de dependência e independência não apresentam mudanças muito significativas. Igualmente, os que assumem posições de direcção (adjunto e chefe de serviços) progridem claramente, assim como os que se intitulam como responsáveis por projectos e obras, excepto para os que declaram uma posição de técnico, que regridem (cf. Anexo - Quadro-síntese).

Porém, da análise realizada destaca-se a ideia de que, paralelamente aos jovens que apresentam uma relação estável de trabalho, a maioria conhece e conheceu apenas uma relação salarial precária e instável. Sendo o sector público um "valor-seguro" quanto à pressuposta estabilidade da relação contratual, os que declaram um maior número de empregos tendem a deslocar-se

para o sector privado. Com efeito, os modos de saída têm revelado iniciativa e facilidade de emprego associadas a estas duas licenciaturas. Os que conhecem um maior número de empregos tendem a auferir salários médios mais elevados, pelo que, ao longo do percurso profissional, a tendência registada parece ser, em geral, a de melhorar as bases de remuneração.

Além de outras dimensões e significados associados à questão da precariedade (Marques e Duarte, 2003), importa perceber que, sob a óptica do tipo de contrato celebrado (v.g. a termo, temporário), as representações face à importância de um contrato de trabalho não são necessariamente coincidentes por parte dos jovens diplomados e podem variar ao longo do seu percurso.

É admissível que esta precariedade possa expressar uma trajectória ofensiva por parte dos jovens. Enquanto expressão de liberdade de escolha e possibilidade de aceder a determinados empregos – parâmetros de referência valorizados na presente geração – estes jovens procuram viver o seu processo de inserção, experimentando várias situações profissionais, descobrindo a sua "vocação" e desenhando os seus projectos de vida na folga concedida pelo prolongamento desta etapa. Assim se poderá compreender, por exemplo, o sentido dos seguintes excertos biográficos:

*"Eu penso que o contrato neste momento, ao contrário do que era antigamente, não serve para nos defender, serve sim para defender a empresa. Para nós quanto mais alargado e mais aberto estiver o contrato melhor, porque a mutação a nível de pessoas e a rotação dentro de uma própria empresa é alucinante. Eu tenho 'n' propostas para mudar, desde ir para o Sul, para o Norte do país. Posso mudar desde ir para a Austrália que há uma procura imensa de pessoal."* (LIG: 3 - Maio/01, sexo masculino)

*"(...) O meu medo de ficar como quadro de empresa é chegar a uma situação e nunca mais sair dali. Três anos, já acho muito, muito tempo."* (LIG: 4 - Fevereiro/01, sexo masculino)

Todavia, não podemos deixar de equacionar este comportamento estratégico também como uma defesa perante as rápidas mutações tecnológicas e organizacionais das actuais economias e do seu ambiente competitivo. Critica-se, conseqüentemente, a asserção generalista daquele modelo de "escolha" no prolongamento da condição juvenil e no aproveitamento das "oportunidades" que surgem. Mais, não podemos deixar de considerar que este alegado potencial estratégico individual se apresenta, paradoxalmente, estrangido pela "força" da racionalidade económica, da competitividade, da desregulação das relações laborais e de uma promessa de empregabilidade permanente:

*"A mim pagavam-me 90 contos a recibos verdes, claro!" (LIG: 1 - Fevereiro/00, sexo feminino)*

*"Estou empregada, ou seja, estagiária empregada num gabinete de projectos. Eu acabei (o curso) no dia 9 de Setembro e no dia 13 já estava a trabalhar, a estagiar. (...) Contrato só tenho a partir de Janeiro /00 (...) No início o 'dono' não me falou de nada, nem de quantas horas ia trabalhar, nem de vencimento, nem de contrato, nada. (...) Andei um mês sem saber quanto é que ia receber. Só me disseram depois." (CIVIL: 2 - Fevereiro/00, sexo feminino)*

Além desta segmentação crucial, outras poderiam ser identificadas, sobrepondo e complexificando aquela. Não nos é possível, porém, no contexto deste artigo, apresentar os outros níveis de segmentação que se estruturam, por um lado, na base da diferenciação de saberes e, por outro, no desenvolvimento das qualificações em contexto de trabalho (cf. Marques, 2002).

#### **4. (Di)visões identitárias entre jovens engenheiros**

À partida, somos capazes de reconhecer facilmente os perfis profissionais dos diplomados nalgumas das áreas de engenharia, muito em especial, as que se encontram já largamente consolidadas no mercado de trabalho. São, por exemplo, as engenharias civil, têxtil, mecânica, electrotécnica, entre outras. Porém, outras engenharias de implantação mais recente e com designações alegadamente "polivalentes" ou "híbridas" parecem introduzir alguma complexidade nos esquemas de percepção, quer da imagem da profissão associada, quer dos perfis profissionais projectados. Além disso, as inúmeras licenciaturas, que apresentam o vocábulo "engenharia", têm como substantivos expressões que recobrem outras áreas de estudos. O desempenho em áreas profissionais afins de licenciados em "engenharia empresarial", por exemplo, que concorrem com os da área de gestão ou de administração, para além de outras, torna a tarefa de delimitação de fronteiras difícil e, por vezes, conflitual.

A "banalização" dos títulos e as inúmeras práticas de desregulação dos mercados de trabalho obrigaram a uma inflexão importante na análise dos grupos profissionais afectados, com consequências na modelação das trajetórias de inserção profissional. Para Hatzfeld (1998), as transformações das condições de exercício das profissões, do prestígio ou *status*, a segmentação do mercado de trabalho, a decomposição do grupo profissional, suscitam algumas reflexões sobre a permanência ou alteração/reformulação dos referenciais em que hoje assentam os grupos profissionais. Serão referenciais de

natureza eminentemente científica e técnica? Ou serão referenciais baseados no monopólio de um saber certificado e exclusivo? Ou serão referenciais de natureza identitária, tais como a partilha de visões do mundo e de estilos de vida? Com base nos resultados obtidos, importa trazer para a nossa reflexão em que medida as classificações utilizadas, para nomearem novos cursos ou ramos, estruturam desiguais posições e avaliações dos actores sociais envolvidos, quer para si mesmo, quer em relação aos outros grupos sociais.

#### 4.1 Esmatimento de fronteiras, heterogeneidade crescente

A literatura especializada sobre as profissões e a identidade profissional tende, em geral, a enfatizar a unidade ou homogeneidade dos grupos profissionais. A vasta investigação, registada nas últimas décadas do século XX, tem contribuído para uma relevante produção teórico-metodológica de cariz interdisciplinar e eclético. Por outro lado, as abordagens sobre a identidade, até então tímidas incursões num campo alegadamente opaco e estranho à sociologia<sup>12</sup>, encontraram um fôlego decisivo na análise de situações concretas e de grupos sociais específicos. Permitiram igualmente captar e dar conta da crescente diversidade de contextos organizacionais e quadros de interacção simbólico-ideológico dos vários grupos profissionais<sup>13</sup>.

Ora, a questão da (re)composição das identidades socioprofissionais, fruto das recentes transformações nos sistemas de ensino e de produção, bem como da percepção dos processos de fluidez das fronteiras que delimitam profissões, nomeadamente nas áreas da engenharia, da economia e da gestão, até então relativamente estabilizadas, integram algumas das preocupações associadas à temática da inserção profissional de jovens licenciados.

---

<sup>12</sup> As imprecisões sobre o estatuto e o uso do termo "identidade" têm contribuído para dificuldades de conceptualização e de operacionalização, por parte da sociologia, como se se tratasse de uma incursão no território inimigo (o do "Psi") e uma transgressão de um tabu ("o social explica o social"). Apesar de ser um conceito escorregadio preso a uma "precipitada psicologização dos processos e dos protagonistas sociais" (Pinto, 1991: 218), a um "eu" intrínseco oposto ao "sou" extrínseco do domínio do social - sendo esta dualidade, em parte, explicativa da ambiguidade que se lhe reconhece - não se pode, no extremo oposto, ignorar a questão da identidade como um processo simultâneo de construção individual e social ao longo da vida dos actores sociais. Em última instância, ignorar a identidade é ignorar a própria possibilidade de criação social contínua, a dialéctica que se lhe subjaz. Isto é, não se pode elidir da identidade a alteridade, da homogeneidade a diferenciação, da semelhança a cisão e a exclusão sociais. Apenas na assunção da identidade na sua vocação relacional - o que significa que se rejeitam efeitos de uma postura essencialista - se pode aceitar o potencial heurístico que lhe tem sido, ainda que recentemente, vaticinado (Dubar, 1991, 2000; Pinto, 1991, 1999).

<sup>13</sup> Assumimos a expressão "grupos profissionais" como estratégia convergente da análise das "profissões" pela tradição anglo-saxónica e francófona (Lucas e Dubar, 1994; Dubar e Tripier, 1998).

Os desenvolvimentos registados neste grupo profissional nos últimos tempos têm vindo a evidenciar uma maior estratificação e complexidade internas<sup>14</sup>. As dificuldades de inserir o grupo dos engenheiros nas categorias profissionais genéricas como classe operária ou burguesa resultam, em parte, da natureza do trabalho e dos lugares que ocupam nas organizações. Mas também resultam, e quiçá seja essa a principal razão, da própria complexidade e diversidade no interior do grupo profissional. Deste modo, o contexto da organização onde ele exerce a sua função e ocupa um lugar contribui, igualmente, para a definição de uma profissionalidade construída em grande parte nos quotidianos de trabalho<sup>15</sup>. Desde logo, porque o engenheiro não trabalha de forma autónoma e isolada como, por exemplo, os médicos e advogados (que serviram de modelo de análise para a sociologia das profissões). Pelo contrário, é no contexto das organizações que os engenheiros se situam e é pelas organizações que se definem. A natureza das funções, os saberes mobilizados e os cargos (exercício de funções técnicas ou de gestão e de direcção) são variáveis explicativas na construção da profissionalidade dos engenheiros. Porém, ser engenheiro de uma grande ou pequena empresa introduz outra variável que não pode ser negligenciada - a própria organização - na explicação dos modelos identificados. Estes são apenas alguns dos exemplos que explicam algumas das segmentações internas neste grupo profissional.

Quanto ao sistema educativo, a existência de sistemas de formação complexos diversificados e hierarquizados contribui também para aqueles processos internos de diferenciação do grupo profissional dos engenheiros. Variando a profundidade das segmentações em função da escala de valores que opõe ciência e técnica, conhecimento abstracto e aplicado, os conflitos e tensões fazem parte integrante desta institucionalização hierárquica de saberes. Em muitos casos, os argumentos baseiam-se no número de anos de formação, no tipo de vias e condições de acesso e no tipo de conhecimentos transmitidos: mais abstracto, com ênfase nas matemáticas e na física; mais prático, enfatizando as disciplinas de aplicação, a especialização e os laboratórios (M. L. Rodrigues, 1997: 121).

Estas dimensões estruturais, relativas ao sistema de formação, confirmam a tecnologia/engenharia como uma área de conhecimento com autonomia sobre a qual os engenheiros estabeleceram mecanismos de controlo, nomea-

---

<sup>14</sup> A especificidade dos sistemas de formação de engenheiros, de diferentes modelos de organização do trabalho técnico, por exemplo, nos diversos países, têm reforçado a não uni-direccionalidade do desenvolvimento profissional.

<sup>15</sup> Analisar as profissões em organizações, e não só a profissão isolada (como é o caso do médico ou do advogado), poderá contribuir para que a sociologia das profissões possa contornar este "dilema clássico" (M. L. Rodrigues, 1996: 188).



damente pela jurisdição de uma área de conhecimento, próxima de monopólios que Segrestin (1985) identifica como mercados profissionais fechados de tipo corporativo. Contudo, a ênfase colocada na questão do "fechamento" permite convergir as diversas perspectivas para designar o processo pelo qual um dado grupo profissional tende a regular, a seu favor, as condições de mercado face à competitividade actual ou potencial dos pretendentes, restringindo o acesso às oportunidades específicas a um grupo pequeno de elegíveis.

Por exemplo, a proximidade da área profissional relacionada com a concepção de projectos dos engenheiros civis e dos arquitectos explica, em grande medida, a "animosidade" que ilustra, de forma admirável, o conflito de interesses na defesa e delimitação do monopólio do saber. Eis alguns registos biográficos:

*"Nós temos os famosos inimigos que são os arquitectos. Acho que temos todos a ganhar, se não houver rivalidades estúpidas (...) Acho que os projectos de engenharia civil são constituídos por equipas multidisciplinares e não há ninguém que tenha a verdade suprema. Entra o engenheiro, entra o arquitecto, entra o economista, entra muitas vezes o empreiteiro (..) e devem estar preparadas para lidarem com as pessoas."* (CIVIL: 5 - Fevereiro/99, sexo masculino)

*"(...) Até assisti durante o curso a uma certa rivalidade entre engenheiros civis e arquitectos (...) Imagino que o arquitecto decida com base num catálogo tipo - 'acho que isto vai ficar bem!' - e depois obriga-nos a ter o triplo de trabalho e, às vezes, a procurar materiais que não estão muito disponíveis no mercado (...). O arquitecto chega à obra e não sabe muito bem como concretizar o que projectou para ali."* (CIVIL: 4 - Fevereiro/01, sexo masculino)

*"O projecto é assinado por um arquitecto se tiver que ser (...) muitas vezes os gabinetes nem têm sequer arquitectos."* (CIVIL: 3 - Fevereiro/01, sexo masculino)

Por sua vez, os diplomados de Informática de Gestão, apesar de reconhecerem que os seus colegas de Engenharia de Sistemas e Informática estão vocacionados especificamente para a programação, têm vindo a desempenhar actividades profissionais nessa área e na dos sistemas de informação:

*"Tenho colegas meus de Informática de Gestão que a programar são com certeza melhores que muito pessoal de Engenharia de Sistemas e Informática."* (LIG: 3 - Fevereiro/00, sexo masculino)

*"Eu trabalho no departamento de Sistemas de Informação. Somos 32 pessoas. (...) Todos na área da informática. Têm Informática de Gestão, Sistemas aqui da UM, Electrónica de Guimarães e algumas pessoas do Porto. São todos de informática."* (LIG: 4 - Fevereiro/00, sexo masculino)

A persistência desta hierarquia de saberes fundada no monopólio legítimo de certificação, selecção e conseqüente restrição de acesso a certos segmentos de mercado de trabalho, bem como no desenvolvimento de uma determinada carreira profissional, não é independente de estratégias de poder dos protagonistas envolvidos (Friedson, 1994). Estas podem visar, nomeadamente, a profissionalização de certas ocupações pela estratégia do reconhecimento legítimo de novos títulos académicos, ou evitar que a crescente massificação de diplomas e assalariamento de jovens diplomados contribua para uma desvalorização associada às respectivas profissões. Seja como for - e não desenvolveremos os modelos em que assenta aquele poder - importa perceber que hoje se vivem tempos de incerteza quanto às configurações futuras destes grupos profissionais. Os modelos identitários e mecanismos de socialização e controlo, quer ao nível das instituições de ensino, quer dos espaços de trabalho, sofreram inequívocas transformações (Lojkin, 1992; Bouffartigue, 1994a; 1994b).

#### 4.2. Entre o conservadorismo e a flexibilidade

Com efeito, hoje são frequentes as expressões "engenheiros em crise" e "crise e destruição da profissão" publicitadas nas revistas e livros de especialidade e/ou nos meios de comunicação. Expressam, sobretudo, sentimentos de inquietude e receio quanto ao futuro da profissão e das ameaças que pesam sobre ela.

Um dos argumentos avançados para explicar aquele sentimento assenta na constatação de uma "explosão" de ramos ou de novas designações de cursos de engenharia (falando apenas a nível de licenciatura), com o objectivo de cobrir as diversas áreas de conhecimento actuais. São muitos os exemplos: "Engenharia do Papel", "Engenharia do Ambiente", "Engenharia Publicitária", "Engenharia Empresarial", "Engenharia de Projectos e Gestão de Obras", etc. Tratar-se-á de uma simples sobreposição, ou uma tentativa de segmentação com delimitação de áreas do exercício profissional? Pretender-se-á, pelo contrário, promover ou proteger um certo estatuto e identidade socioprofissional associados a este grupo profissional?

Dos resultados obtidos pela investigação realizada foi-nos possível analisar as posições desigualmente assumidas pelos jovens perante as várias designações de licenciaturas, cujos limites do exercício da actividade profissional nem sempre permitem que se distingam entre si. A partir das informações recolhidas formulamos a hipótese de que, na base da explicação e compreensão das orientações simbólico-culturais que enformam tais posições estão presentes várias relações cuja importância varia em função: *i*) da formação académica recebida e do desempenho profissional, *ii*) das expectativas e das condições projectadas de inserção profissional e *iii*) das orientações normativas e culturais perante o trabalho e o emprego.

Com base nessa proposta, é nossa intenção privilegiar, sobretudo, o ponto de vista dos finalistas e dos diplomados inquiridos quanto à percepção das segmentações e distinções entre as designações mais convencionais ou tradicionais de licenciaturas de engenharia e as mais recentes ou "ousadas", instituídas nas diversas universidades e institutos politécnicos públicos e privados.

Tal como se pode verificar, de um modo geral, no Quadro 1, os inquiridos apresentam ora uma visão mais conservadora, apoiada na defesa do lugar de destaque das engenharias ditas clássicas, ora uma visão mais flexível, dado que, na actual "sociedade de informação", consideram haver lugar para todas as novas engenharias.

Quadro 1: Opinião sobre a "explosão" de novos ramos de engenharias segundo o sexo dos finalistas e dos diplomados (% em linha)

	Sexo					
	Finalistas			Diplomados		
	H	M	H/M	H	M	H/M
(1) Em rigor, não podem ser designadas de engenharias	10,1	14,1	11,6	12,1	13,7	12,7
(2) As engenharias clássicas não perderam o seu lugar de destaque	35,8	28,3	33,1	35,6	28,8	33,2
(3) Na "sociedade de informação" temos de criar novos campos disciplinares	29,6	38,0	32,7	33,3	47,9	38,5
(4) As novas designações de engenharia são um efeito de moda	17,0	18,5	17,5	15,9	9,6	13,7
(5) Outra opinião	7,5	1,1	5,2	3,0	-	2,0
(n)	159	92	251	132	73	205

Fonte: IFE-IG e IDEC-IG

Apesar de não ser significativa, do ponto de vista estatístico, a associação entre o sexo e a opinião partilhada pelos finalistas e diplomados, não podemos deixar de apontar algumas diferenças de opiniões pertinentes. As finalistas parecem partilhar de uma visão mais inovadora e aberta a designações que possam cobrir novas especialidades (38%), por oposição aos seus colegas do sexo masculino, que apresentam uma posição relativa conservadora mais vin-

cada (35,8%). Este padrão de distribuição reproduz-se para os diplomados, se bem que a amplitude das diferenças de opinião entre os sexos seja maior (47,9% e 35,6%, respectivamente).

Os dados simbolizam, sobretudo, posições distintas dos jovens inquiridos em momentos diferentes. Para efeitos de uma análise que vise extremar as opiniões para melhor interpretar as diferenças entre as posições assumidas, recodificámos aquela variável em duas categorias: uma categoria referente à *posição conservadora* que integra os itens com os números (1), (2) e (4), previstos no quadro precedente, e uma categoria referente à *posição flexível* que, ao integrar o *item* com número (3), assenta na extensão da designação a outros campos disciplinares. Podemos, assim, prosseguir com um aprofundamento daquela dualidade ao introduzir a variável licenciatura a qual permite explicações mais consistentes face às opiniões sobre as recentes designações de engenharia.

Em relação aos finalistas - Quadro 2 - regista-se uma distribuição assimétrica significativa daquelas posições em função da licenciatura. De forma quase unânime, quem mais contribui para a defesa da primazia do título das engenharias consideradas clássicas são, sobretudo, os finalistas de Engenharia Mecânica (94,4%) e de Engenharia Civil (82,9%), os quais integram justamente o grupo, por nós designado, de licenciaturas "clássicas".

Em relação aos outros subgrupos de licenciaturas, regista-se uma maior dispersão de respostas. Os finalistas que apresentam valores relativos mais elevados numa certa *posição flexível* perante a contemplação de novas designações são oriundos da Engenharia de Materiais (55,6%), da de Produção (54,5%) e de Informática de Gestão (51,4%).

Tal como já referimos, as áreas mais recentes, não só em funcionamento na instituição académica, mas nas suas designações, visam a especialização de conhecimentos e/ou delimitação de novas áreas de exercício profissional. Em defesa da legitimidade estatutária, do prestígio e sentimento de monopólio de modo a não "banalizar" o diploma, é clara a posição dos finalistas das engenharias ditas clássicas, o que se compreende, dada a antiguidade institucional e académica, bem como a maior visibilidade da sua importância funcional e social para o exterior.

Quadro 2: Posições dos finalistas perante a "explosão" de ramos de engenharia por grupos e subgrupos de licenciaturas (% em linha)

Grupos e subgrupos de Licenciaturas		"Explosão" de ramos de engenharia*		
		Posição conservadora (1)+(2)+(4)	Posição flexível (3)	(n)
"Clássicas"	Civil	82,9	17,1	41
	Mecânica	94,4	5,6	18
"Modernas"	<b>Informação:</b>			
	Sistemas e Informática	62,5	37,5	32
	Informática de Gestão	48,6	51,4	37
	Electrónica Industrial	73,3	26,7	30
	<b>Matéria:</b>			
	Biológica	52,9	47,1	17
	Polímeros	76,9	23,1	13
	Materiais	44,4	55,6	9
	<b>Processos:</b>			
Produção	45,5	54,5	22	
Têxtil + Vestuário	63,2	36,8	19	
Total		65,5	34,5	238

Fonte: IFE-IG

\* (V de Cramer=0,327)

Esta dualidade de posições sai reforçada com os dados referentes aos diplomados representativos daquelas duas tendências: Quadro 3. Observa-se uma posição tendencialmente conservadora dos diplomados em Engenharia Civil (70,9%), em contraste com uma maior flexibilidade de adopção da designação junto dos Informáticos de Gestão (53,6%).

Quadro 3 Posições dos diplomados perante a "explosão" de ramos de engenharia por licenciatura (% em linha)

Licenciaturas	"Explosão" de ramos de engenharia*		
	Posição conservadora (1)+(2)+(4)	Posição flexível (3)	(n)
Engenharia Civil	70,9	29,1	117
Informática de Gestão	46,9	53,6	84
Total	60,7	39,3	201

Fonte: IDEC-IG

\* (V de Cramer=0,248)

A exploração do conteúdo das razões apontadas pelos finalistas e diplomados permite-nos aprofundar, ainda mais, as motivações de base daquelas duas posições. Assim, e seguindo o mesmo procedimento de categorização a posteriori de respostas a questões em aberto, foi-nos possível identificar quatro tipos de argumentos temáticos, contemplando, igualmente, as opiniões prévias sobre as novas engenharias. Esses argumentos temáticos são: *i) prestígio e hierarquização do grupo disciplinar* das engenharias; *ii) crítica a uma*

certa *política educativa*; iii) estratégias relacionadas com as *saídas profissionais*; iv) *alargamento e especialização* de novas áreas de conhecimento. Iremos ilustrar cada um destes argumentos com expressões directamente retiradas dos questionários. Por isso, convém ter presente que esta codificação contempla orientações positivas e negativas para a justificação daquelas posições.

Para os três subgrupos de licenciaturas - "informação", "matéria" e "processos" -, os finalistas reportam-se à emergência de novas áreas de conhecimento como explicação preponderante. Esta resulta, justamente, da percepção partilhada da maior complexidade e alargamento de problemas e desafios postos pela sociedade actual, exigindo-se, conseqüentemente, abertura para a implantação e difusão de inovações tecnológicas. Deste modo, estes finalistas reconhecem que as diversas ciências, em particular as engenharias, dever-se-ão abrir a uma progressiva diversificação e especialização do conhecimento, para melhor aprofundar e solucionar os novos problemas postos à sociedade. Este argumento tende a explicitar uma orientação positiva quanto à instituição e legitimidade de novas designações de engenharia.

O prestígio e a hierarquização de saberes constituem a segunda categoria de argumentos avançada pelos finalistas, com expressão maioritária para os oriundos das licenciaturas de engenharia "clássicas". As restantes categorias oscilam pelos grupos e subgrupos de licenciaturas contempladas.

Quanto aos diplomados, e comparativamente com os finalistas, atente-se para o facto de aquele padrão de argumentação se poder reproduzir sensivelmente, apesar de a análise se circunscrever a duas licenciaturas. Efectivamente, para os diplomados de Informática de Gestão, o argumento assente no alargamento e na especialização dos conhecimentos apresenta a percentagem relativa mais elevada (37,9%): *"as novidades tecnológicas criam campos específicos de estudo"*; *"a engenharia é lata e não se restringe aos critérios clássicos vigentes na Ordem dos Engenheiros"*; *"a sociedade é cada vez mais uma engenharia"* e *"a sociedade de consumo apela a novas engenharias"*.

Quadro 4: Argumentos de justificação da "explosão" de ramos de engenharias por finalistas e diplomados (% em linha)

Grupos, subgrupos e licenciaturas		"Explosão" de ramos de engenharia*				
		Prestígio e hierarquização do grupo disciplinar	Crítica à política educativa	Saídas profissionais	Alargamento e especialização do conhecimento	(n)
Finalistas	Engenharias "Clássicas"	56,6	13,2	17,0	13,2	53
	Engenharias "Modernas"					
	Informação	36,4	18,2	4,5	40,9	88
	Matéria	30,3	-	18,2	51,5	33
	Processos	27,6	10,3	10,3	51,7	29
	Total	39,4	12,8	10,8	36,9	203
Diplomados	Engenharia Civil	51,8	8,2	12,9	27,1	85
	Informática e Gestão	27,6	12,1	22,4	37,9	58
	Total	42,0	9,8	16,8	31,5	143

Fonte: IFE-IG e IDEC-IG

O mesmo argumento é utilizado contra uma certa visão restrita, que as engenharias muito especializadas podem apresentar. Esta orientação em sentido negativo, de resto marginal, resulta de uma crítica da tendência para a especialização dos conhecimentos vista como uma limitação do aprofundamento e formação de base necessários ao exercício da profissão.

Em contraste, para os diplomados de Engenharia Civil, regista-se uma diversidade de argumentos de defesa do lugar e do prestígio das engenharias ditas clássicas. Em primeiro lugar, o reconhecimento do seu prestígio e dos seus critérios de hierarquização, assentes na amplitude dos problemas tratados e na legitimidade conferida pela comunidade científica e pelos empregadores e sociedade em geral, justificam que sejam essas engenharias a ocuparem os lugares cimeiros da hierarquização do grupo disciplinar e, conseqüentemente, dos campos profissional, social e simbólico (51,8%). As referências ao título como a garantia de um prestígio legítimo e como um marcador social da distância face às "novas" designações são inúmeras tanto nos finalistas, como nos diplomados. Eis apenas alguns dos exemplos mais sugestivos retirados dos inquéritos: *"muitas engenharias só têm o nome porque fica 'chique'"; "para mim só existem três engenharias: civil, electrónica e mecânica"; "as engenharias derivam da civil que, por sua vez derivou da militar"; "o termo engenharia passou a ser usado abusivamente"; "as clássicas são as principais, as outras descendentes"; "algumas são tão específicas que poderiam ser pós-graduações das clássicas como, por exemplo, polímeros"; "a designação de engenharia cria uma ilusão de respeitabilidade do curso"; "as engenharias clássicas valem pelo seu bom-nome e reputação; as novas têm de provar" e "É moda como testemunha o curso de engenharia de publicidade"*.

Em seguida, se se explorar um pouco o já referido argumento baseado na crítica às políticas educativas recentes, ele mobiliza alguns dos finalistas e diplomados na defesa do "bom-nome" da engenharia. Estes têm consciência que muitos dos novos cursos em funcionamento resultam de estratégias, por vezes pouco explícitas, dos responsáveis pelas universidades (públicas e privadas), estratégias essas que visam umas aumentar o número de alunos (e, conseqüentemente, as receitas financeiras) e outras assentam na especulação de cursos que não apresentam currículo e prestígio em conformidade com as expectativas de um curso de engenharia.

O reconhecimento da certificação de novas áreas de saberes não está isento, como já se sabe, de estratégias de promoção e de afirmação identitária, por parte dos que, legitimamente, se reconhecem pertencentes ao grupo, bem como por parte dos outros grupos profissionais. São essas as posições que os jovens deixam claras nas suas justificações: *"é uma forma de criar mais lugares nas universidades e falsas expectativas"; "A maioria aposta no marketing para angariar 'clientes' e não na qualidade do ensino"; "é uma estratégia das universidades sem sucesso de se autopromoverem"; "perguntem a um engenheiro de informática o que é um módulo de elasticidade? um engenheiro sabe-o" e "não são médicos, nem enfermeiros, nem professores; então, chamam-lhes engenharias".*

Finalmente, a preocupação com as saídas profissionais, como seria de esperar, mobiliza alguns dos jovens inquiridos na argumentação. Neste caso específico, está presente uma ambivalência entre uma orientação positiva ou negativa. Dizem-nos os jovens a esse propósito: *"há demasiadas engenharias sem haver uma procura por parte da indústria"; "as novas engenharias restringem-se apenas a um campo e produzem menos opções profissionais" e "toda a gente quer ser engenheiro mesmo que o curso não tenha saídas profissionais".*

Perante o efeito provocado pelo aumento da concorrência dos novos cursos, o receio de um possível aumento do desemprego - tal como a conjuntura europeia tem vindo a revelar - está presente nos jovens finalistas e diplomados, quer de licenciaturas mais recentes, quer das mais antigas mesmo com um nome consolidado no mercado de emprego.

Porém, dizíamos, aquela ambivalência resulta da "crença" na estratégia de se utilizar as novas designações de engenharia para aceder a outros lugares no mercado de emprego ou para delimitar áreas de actividade emergentes e, eventualmente, não apropriadas em termos formais por nenhuma das engenharias instituídas. Embora a associação deste título aos novos cursos possa,



do ponto de vista teórico, funcionar como um atributo apreciado pelo mercado de trabalho, essa representação partilhada pelos finalistas e diplomados é, contudo, marginal no conjunto dos outros argumentos apresentados. Com efeito, a ideia de potenciar mais oportunidades de emprego combina-se com a ideia da valorização da especialização e alargamento dos conhecimentos e das áreas do exercício profissional.

\*\*\*

De tudo o que atrás foi exposto, importa retomar a ideia de que por detrás de um título académico, nomeadamente de engenheiro civil ou informático de gestão, existe uma grande diversidade de situações de trabalho e de critérios na atribuição do estatuto socioprofissional. Para além disso, a actividade profissional desenvolvida, a natureza da relação contratual, a posição hierárquica ocupada nos espaços de trabalho constituem outros factores que podem apresentar condicionamentos diferentes, contribuindo para aquela heterogeneidade profissional.

Precisamente porque são dinâmicos, aqueles referentes identitários não se encontram imunes aos efeitos das recentes transformações no sistema de ensino e da progressiva (im)previsibilidade do valor dos diplomas (mesmo assim, com efeitos diferenciados segundo os diplomas) e do sistema produtivo, visíveis pelas práticas de precarização da relação de emprego e pelos perfis de profissionalidade em (re)composição. Estes constrangimentos e outros (familiares, políticos, ideológicos, geográficos...) parecem estar na base da crescente complexidade e diferenciação das situações e interações sociais, bem como dos esquemas de percepção e categorização disponibilizados.

A conciliação de um emprego ou de uma profissão interessante com os desafios motivadores e com um elevado nível de vida não profissional, parece apresentar-se como um traço estruturante das orientações perante o trabalho e o emprego por parte dos inquiridos e, de uma forma transversal, pelas diversas categorias de jovens. O imediatismo posto na obtenção de emprego e de um bom salário explicará, certamente, algumas das estratégias de avaliação crítica e de investimento calculado dos jovens em relação à centralidade do trabalho na vida pessoal. Mas, não constitui, convém reforçar, a única tendência ou uma tendência que não se possa alternar com outras ao longo de um percurso biográfico e das oscilações da conjuntura económica. A persistência de valores ou orientações assentes na realização profissional, no reconhecimento do diploma, na autonomia e capacidade de decisão estão, igualmente, presentes, com maior ou menor intensidade, na relação com o trabalho e o emprego.

Na realidade são já visíveis alguns dos efeitos das diversas manifestações e lógicas de flexibilização das actividades produtivas e das relações de emprego nas condições de reconhecimento ou de legitimidade do exercício da actividade profissional. Globalmente extensivos às diversas categorias de trabalhadores, registam-se diversas rupturas e desfasamentos entre as características dos postos de trabalho ou da profissão e os respectivos requisitos em termos de qualificações reconhecidas e certificadas - estruturadas em carreiras relativamente previsíveis e estáveis de ascensão profissional. Também os resultados da nossa investigação, como veremos mais adiante, são, a esse nível, elucidativos das principais transformações em curso.

### **Bibliografia**

- Beck, U. (1992), *Risk Society: Towards a New Modernity*, London, Sage Publications.
- Boltanski, L. Chiapello, É. (1999), *Le Nouvel Esprit du Capitalisme*, Paris Gallimard
- Bouffartigue, P. (1994a), "Ingénieurs débutants à l'épreuve du modèle de carrière. Trajectoires de socialisation et entrée dans la vie professionnelle", *Revue française de Sociologie*, 35-1, pp. 69-100.
- Bouffartigue, P. (1994b), *De l'école au monde du travail. La socialisation professionnelle des jeunes ingénieurs et techniciens*, Paris, Editions L'Harmattan.
- Castells, Manuel (1996), *The rise of Network Society, The Information Age. Economy, Society and Culture*, Vol. 1, Britain, Blackwell Publishers.
- Crozier, M. e Friedberg, E. (1977), *L'acteur et le système*, Paris, Éditions du Seuil.
- Demazière, D. e Dubar, C. (1997), *Analyser les entretiens biographiques. L'exemple de récits d'insertion*, col. Essais & recherches, Paris, Éditions Nathan.
- Doeringer, P e Piore, M. (1971), *Internal labour Markets and Manpower Analysis*, Lexinton, D. C. Health.
- Dubar, C. (2000a), *La crise des identités. L'interprétation d'une mutation*, col. Le lien social, Paris, PUF.
- Dubar, C. (2000b), "Quelles problématiques de la socialisation dans les recherches sur les jeunes? ", G. Bajoit et α (éds.) *Jeunesse et société. La socialisation des jeunes dans un monde en mutation*, Bruxelles, DeBoeck Université, pp. 43-47
- Dubar, C. (1998), "Réflexions sociologiques sur la notion d'insertion", B. Charlot e D. Glasman (dir.), *Les jeunes, l'insertion, l'emploi*, Paris, PUF, pp. 29-37.
- Dubar, C. (1996), "Usages sociaux et sociologiques de la notion d'identité", *Éducation permanente*, n.º 128, pp. 37-44.
- Dubar, C. (1994), "L'insertion comme articulation temporelle du biographique et du structurel", *Revue française de Sociologie*, 35-2, pp. 283-291.
- Dubar, C. (1992), "Formes identitaires et socialisation professionnelle", *Revue française de sociologie*, XXXIII-4, pp. 505-529.

## Mercados profissionais e (di)visões identitárias de jovens engenheiros

- Dubar, C. (1991), *La Socialisation. Constructions des Identités Sociales et Professionnelles*, Paris, Armand Colin.
- Dubar, C. e Tripier, P. (1998), *Sociologie des professions*, Paris, Armand Colin.
- Dubet, F. (1999), "École, citoyenneté, intégration", J. Bourdon e C. Thélot (coord.) *Éducation et formation. L'apport de la recherche aux politiques éducatives*, Paris, CNRS, pp. 53-66.
- Dubet, F. (1996), *Sociologia da Experiência*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Dubet, F. (1994), "Dimensions et figures de l'expérience étudiante dans l'université de Masse", *Revue française de Sociologie*, Vol XXXV, n.º 4.
- Dubet, F. (1991), *Les Lycées*, Paris, Éditions du Seuil.
- EUROSTAT (2000), *Les chiffres clés de l'éducation en Europe*, Bruxelles, Comissão Europeia.
- Freidson, E. (1994), *Professionalism Reborn. Theory, Prophecy and Policy*, Cambridge, Polity Press.
- Giddens, A. (1994), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora.
- Hatzfeld, H. (1998), *Construire des nouvelles légitimités en travail social*, Paris, Dunod.
- INE (2002), *Inquérito ao Emprego*, Lisboa, INE.
- INE (2001), *Inquérito ao Emprego*, Lisboa, INE.
- Lojkine, J. (1992), *Les jeunes diplômés. Un groupe social en quête d'identité*, Paris, PUF.
- Lucas, Y. e Dubar, C. (éd.) (1994), *Genèse & Dynamique des Groupes Professionnels*, col. Mutations/Sociologie, Paris, Presses Universitaires de Lille.
- Marques, A. P. (2003), "Outras Transições? Configurações e problemáticas de socialização estudantil", *Cadernos do Noroeste, Sociedade e Cultura* 5, Série Sociologia, Vol. 21 (1-2), pp. 141-161.
- Marques, A. P. (2002), *Entre o Diploma e o Emprego: A Inserção Profissional dos Jovens Engenheiros*, Tese de Doutoramento, Braga, Universidade do Minho, ICS.
- Marques, A. P. (2001a), "Antecipação do projecto profissional", *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 21/22, Porto, Afrontamento, pp. 87-11.
- Marques, A. P. (2001b), "Dinâmicas da relação entre trabalho e emprego: o fetiche da 'empregabilidade permanente'", *Cadernos do Noroeste*, Série Sociologia, Vol. 16 (1-2), pp. 167-185.
- Marques, A. P. e Duarte, A. M. (2003), "O estatuto da precariedade: notas sobre os percursos profissionais de jovens diplomados", X Encontro Nacional de SIOT, *Inovação e Conhecimento. As Pessoas no Centro das Transformações*, Lisboa, F. Calouste Gulbenkian, CD-Rom.
- Nicole-Drancourt, C. (1994), "Mesurer l'insertion professionnelle", *Revue française de Sociologie*, 35-1, 37-68.
- Nicole-Drancourt, C. (1992), "L'idée de précarité revisitée", *Travail et Emploi*, n.º 52, pp. 37-70.
- ODES (Sistema de Observação de Percursos de Inserção dos Diplomas do Ensino Superior) (2000), *Inquérito Piloto aos Diplomados do Ensino Superior – 1999*, policopiado.
- Pinto, J. Madureira (1999), "Flexibilidade, segurança e identidades sócio-profissionais", *Caderno de Ciências Sociais*, n.º 19-20, pp. 5-37.

Pinto, J. Madureira (1991), "Considerações sobre a produção social de identidade", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 32, Coimbra, CES.

Rodrigues, M. João (1988), *O sistema de emprego em Portugal: crises e mutações*, Lisboa, Pub. D. Quixote.

Rodrigues, M. João (coord.) (2000), *Para uma Europa da Inovação e do Conhecimento. Emprego, Reformas Económicas e Coesão Social*, Oeiras, Celta Editora.

Rodrigues, M. de Lurdes (1997), *Sociologia das profissões*, Oeiras, Celta Editores.

Rodrigues, M. de Lurdes (1996), *Os engenheiros na sociedade portuguesa. Profissionalização e protagonismo*, Tese de doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE.

Rosenberg, S. (1989), "De la segmentation à la flexibilité", *Travail et Société*, vol. 14, n.º 4, pp. 387-438.

Segrestin, D. (1985), *Le phénomène corporatiste: essai sur l'avenir des systèmes professionnels fermés en France*, Paris, Fayard.

Sennett, R. (2000), *La corrosión del carácter. Las consecuencias personales del trabajo en el nuevo capitalismo*, Barcelona, Editorial Anagrama.

Trottier, C., Laforce, L. e Cloutier, R. (1997), "Les représentations de l'insertion professionnelle chez les diplômés de l'université", *Formation Emploi*, n.º 58, Paris, La Documentation française, pp. 61-77.

Mercados profissionais e (di)visões identitárias de jovens engenheiros

**Anexos**

Quadro - síntese: Mercado de entrada e Mercado de transição, segundo as características de emprego dos diplomados

Síntese das características de emprego	Mercado de entrada	Mercado de transição	Sentido dos itinerários
<b>Modo de obtenção do 1º e seguintes empregos:</b>			
Redes pessoais	68,3	53,9	▼
Redes impessoais	31,7	46,1	▲
(n)	161	76	
<b>Sector empregador:</b>			
Público	32,7	25,9	▼
Privado	67,3	74,1	▲
(n)	168	85	
<b>Áreas de profissionalização de Engenharia Civil:</b>			
Projectos	47,5	52,1	▲
Direcção de obras	39,6	29,2	▼
Gestão e planeamento da produção	6,9	4,2	▼
Ensino e formação profissional	5,9	14,6	▲
(n)	101	48	
<b>Áreas de profissionalização de Informática de Gestão:</b>			
Programação/Análise de SI	73,3	55,0	▼
Gestão e planeamento da produção	6,7	12,5	▲
Ensino e formação profissional	20,0	32,5	▲
(n)	75	40	
<b>Situação na profissão:</b>			
Trabalhador por conta de outrem	81,6	82,8	~
Trabalhador por conta própria	18,4	17,2	~
(n)	179	87	
<b>Posição hierárquica:</b>			
Director (adjunto e chefe de serviços)	14,5	27,0	▲
Técnico	50,9	35,1	▼
Responsável projecto/obra	34,6	37,8	▲
(n)	159	74	
<b>Vínculo contratual:</b>			
Permanente	32,9	37,6	▲
Não permanente	67,1	62,4	~
(n)	164	85	
<b>Níveis salariais:</b>			
Até 149 contos	50,6	18,8	▼
150 a 299 contos	45,4	65,9	▲
300 e mais contos	4,0	15,3	▲
(n)	174	85	

Fonte: IDEC-IG

Legenda: Em regressão ▼

Em progressão ▲

Estacionário ~

Fig. 1: Valor (im)previsível do diploma universitário

	<b>Estrutural</b>	<b>Biográfica</b>
<b>Previsível</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Extensão e diversificação da formação académica;</li> <li>• Extinção progressiva do numerus clausus;</li> <li>• Modalidades flexíveis de frequência universitária;</li> <li>• Vantagem relativa do jovem diplomado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior probabilidade de acesso ao ensino superior;</li> <li>• Mobilidade ascendente para quase 40% dos agregados familiares com 4 anos de escolaridade;</li> <li>• Prestígio e status social.</li> </ul>
<b>Imprevisível</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fenómenos selectivos de desemprego, subemprego e inemprego;</li> <li>• Maior competição pelos postos de trabalho;</li> <li>• Desigual valorização dos títulos académicos;</li> <li>• Instabilidade laboral e segmentação do mercado de emprego.</li> <li>• Imperativo ideológico da globalização da economia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O diploma não garante o emprego;</li> <li>• Perda da carga simbólica do diploma;</li> <li>• Menor correspondência do diploma ao emprego: fenómenos de sobre-qualificação/desqualificação;</li> <li>• Precarização da relação de emprego.</li> </ul>

## Marchés de travail professionnels et (di)visions identitaires des jeunes ingénieurs

### Résumé

Le texte ici présenté reprend les directives de quelques réflexions élaborées à partir d'une recherche qui a été réalisée parmi un groupe choisi de jeunes ingénieurs. Donc, notre contribution ici prétend: i) accentuer certains des processus du changement reliés avec les modèles de l'insertion professionnelle de jeunes universitaires ; ii) identifier les facteurs sous-tendant la segmentation des marchés professionnels et ses effets sur la croissante différenciation interne de ce groupe professionnel et sur les critères de la classification/ distinction identitaire mobilisées par les jeunes dans le commencement d'une carrière ; iii) contribuer pour la connaissance sur les changements se produisant sur les représentations et les significations construites autour du diplôme, du travail et de la profession.

**Mots-clés** Diplôme, marché de travail e identité professionnelle.

## Professional labour markets and identity (di)visions of the young engineers

### Abstract

The text here presented gets back to the guidelines of some of the reflections derived from a research that was carried through a selected group of young graduates in Engineering. Here we intend to: i) highlight some of the processes of change related with the patterns of professional insertion of young graduates; ii) identify the factors underlying the segmentation of the professional markets and its effects on the increasing internal differentiation of this professional group and its effects on the criteria of identity classification and distinction mobilized by the youth in the beginning of a career; iii) contribute for the knowledge on the changes occurring on the representations and the meanings constructed around the diploma, the job and the profession.

**Key-words** Diploma, labour market and professional identity